

KNOENER, Darlene F.; TOGNETTA, Luciene. R.P. (2016) **Violencia de la Universidad. El impacto de la intimidación y el acoso en la formación de los futuros profesores.** In: PÉREZ-FUENTES, M<sup>a</sup> del Carmen (et al). La Convivencia Escolar: Un acercamiento multidisciplinar. ASUNIVEP, Almeria, Espanha.

---

## **Violencia de la Universidad. El impacto de la intimidación y el acoso en la formación de los futuros profesores**

Darlene Ferraz Knoener\* y Luciene Regina Paulino Tognetta\*\*

*\*Mestranda da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP; \*\*Professora Doutora do departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP – Brasil*

### **Introdução**

O ambiente escolar, da educação básica à universidade, tem papel preponderante no desenvolvimento do ser humano e na construção de sua autonomia moral. É o espaço onde o sujeito, além de se desenvolver cognitivamente, envolve-se com regras, interage com seus pares, visualiza modelos de autoridade e constrói, progressivamente, sua personalidade, integrando valores que, segundo os planos escolares, pretendem-se morais. Espera-se que esse seja um meio em que a possibilidade de cooperação entre o sujeitos, promova a construção de uma moralidade própria ao respeito mútuo, gerando assim altos níveis de adesão a valores, como a tolerância, a justiça, o respeito e a honestidade.

Contudo, muitas das relações sociais nas instituições de ensino nem sempre têm sido baseadas na cooperação, deixando assim, de proporcionar adesão aos valores sociomorais por parte dos sujeitos envolvidos. Certamente, marcada por situações de indisciplina e incivildades que aumentam a cada dia, a escola também têm servido de palco para ações caracterizadas pela violência de ordem verbal, física e psicológica, advinda de diferentes relações – entre pares, das e para com as autoridades vigentes. Como agravante, essas relações violentas e coercivas, desprovidas de confiança e respeito às diferenças,

coexistem em contextos de consumo e/ou vendas de drogas e uso excessivo de álcool, que tornam o fenômeno de fato, alarmante já que se constituem fatores de risco (Andrade, 2012).

Semelhantemente, essa tem sido a realidade da universidade. Um estudo publicado em fevereiro de 2015, revelou que uma em cada cinco estudantes universitárias americanas sofreu abuso ou tentativa de abuso sexual nos campus. Somente 2% das vítimas denunciaram os crimes à polícia e 4% reportaram as agressões aos gestores das instituições, pois segundo constatou-se, raramente alguma medida era tomada. A sequência de casos de agressões praticadas por jovens universitários levou o governo a cobrar das instituições de ensino medidas para proteger as alunas e aumentar o número de denúncias (Pauli, 2016). Em meio a esses contextos de múltiplas manifestações de violência, as quais oferecem diferentes riscos e graus de prejuízo para a constituição da personalidade dos sujeitos, há fenômenos que se destacam, dentre eles, o bullying, o cyberbullying e o assédio moral.

### **Fenômenos de violência: bullying, cyberbullying e assédio moral**

Bullying é o termo usado para indicar comportamentos agressivos que são cometidos sem motivação específica ou justificável do ponto de vista moral, em que os pares estabelecem uma relação de desigualdade. De acordo com Gini, Pozzoli e Hauser (2010), principalmente entre as idades de 9 e 16 anos, 10% a 30% desses jovens estão envolvidos, como agressores ou vítimas. Revelam ainda que, enquanto a maioria dos agressores está envolvida temporariamente ou desistindo do bullying, aproximadamente 10% da população total é composta por indivíduos que são agressores estáveis ou persistentes e podem seguir uma trilha de desvios de conduta.

No Brasil, as primeiras reflexões iniciaram-se com os estudos de Fante e o programa antibullying Educar para a Paz, iniciado no ano 2000 (Fante e Pedra, 2008). Ao pesquisar crianças e adolescentes do interior do estado de São Paulo, a autora concluiu que 66,92% dos entrevistados sofriam algum tipo de violência na escola, sendo 25,56% classificados como casos de bullying. Um estudo realizado pela ABRAPIA – Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência, com alunos do 6º ao 9º ano, em 11 escolas no Rio de Janeiro, demonstrou que 16,9% dos alunos eram vítimas de bullying, 10,9% eram vítimas e autores e 12,7% haviam sido autores no último ano (Palácios e

Rego, 2006), dados que são confirmados em vários estudos recentes (Tognetta & Rosário, 2013).

Os agressores aproveitam-se das fragilidades mais evidentes em seus pares para maltratá-los, humilhá-los, amedrontá-los e denegri-lhes a imagem junto ao grupo, o qual muitas vezes, permanece indiferente ao conteúdo moral em jogo (Avilés, 2013; Cowie, 2016; Del Barrio, 2003; Olweus, 1993). Apesar dos pares estarem presentes em 85 a 88% das situações de intimidação, eles raramente intervêm em favor das vítimas (11 a 25% do tempo), sendo que muitos juntam-se aos agressores nos atos de intimidação (Hymel, Rocke-Henderson e Bonanno, 2005).

Não havendo uma idade específica para o fenômeno, essa forma de violência manifesta-se também na universidade. Brunt (Krasselt, 2014), considera que a vida de um jovem não se torna uma tela em branco por ocasião do ingresso na universidade, logo, os problemas da escola não desaparecem automaticamente e, podem piorar, uma vez que, adiciona-se uma dose de estresse gerado para muitos que estão longe de suas famílias, comunidades de origem, podendo sentir-se isolados, ao mesmo tempo em que têm um acesso mais fácil à armas, álcool, drogas e outras substâncias, as quais podem servir de expedientes para lidar com situações de intimidação, insegurança ou ansiedade (Shallcross, 2016).

Cowie e Myers (2016) afirmam que o bullying na universidade se manifesta através de comportamentos como espalhar rumores desagradáveis relacionados à idade, raça, sexo, deficiência, orientação sexual, religião ou crença; ridicularizar ou humilhar alguém, exclusão social; avanços sexuais indesejáveis ou ameaçar alguém de modo direto ou anônimo online. Como fatores desencadeadores, o bullying na universidade pode ser gerado pela expectativa de elevar o status social e, o mais perturbante, a motivação pela perspectiva de poder e desejo de controlar os outros através do medo. Outro motivo, menos comum, é quando grupos de agressores praticam o bullying tendo como base algo que acreditam ser uma “causa justa”. Por exemplo, um grupo de estudantes que defendem a causa LGBT que intimida outro estudante que se pronunciou contra o tema (Shallcross, 2016).

Semelhantemente, o cyberbullying é a forma virtual de praticar o bullying (Fante e Pedra, 2008), sendo que ambos partilham uma característica básica, que é a violência intencional contra outro (Tognetta e Bozza, 2012). A diferença está nos métodos de agressão, pois o cyberbullying, além de

dispensar a repetição das agressões, uma vez que, todo conteúdo postado nas redes sociais tem alcance ilimitado ainda que tenha sido publicado uma única vez, é reforçado pela possibilidade de anonimato dos autores e a ausência de confronto direto com a vítima. Esses fatores parecem resultar em baixos níveis de empatia, afetiva e cognitiva (Ang e Gog, 2010), sendo que, pesquisas têm demonstrado que o cyberbullying desinibe condutas que na vida real seriam controladas pelo medo dos castigos ou das leis sociais e que, portanto, não levariam ao bullying (Avilés, 2010). Fante e Pedra (2008) mencionam que estudos realizados na Inglaterra levantaram que em torno de 25% das meninas são vítimas de cyberbullying através de celulares. Também destacam estudos feitos nos Estados Unidos, onde 20% dos alunos do ensino fundamental relataram ser alvo dessa forma de violência.

Sobre o assédio moral, uma das definições para o termo é a exposição de trabalhadores e trabalhadoras a situações humilhantes e constrangedoras, caracterizadas por condutas negativas e desumanização da vítima, de modo repetitivo e sistematizado por um longo tempo durante a jornada de trabalho, sendo comuns em relações hierárquicas assimétricas (Villaça, Palácios, 2010). No Brasil, o termo é utilizado em referência à violência psicológica utilizada sistematicamente, tanto por superiores hierárquicos como por subordinados (Meurer, Bruna, & Strey, Marlene Neves, 2012).

Um pesquisa realizada em países com diferentes graus de desenvolvimento socioeconômico pretendeu quantificar e qualificar o fenômeno da violência nesses ambientes. No Brasil, o estudo foi realizado na cidade do Rio de Janeiro. Os relatórios, divulgados em 2003, evidenciam comportamentos de bullying entre colegas e assédio entre chefes e subordinados. Embora a violência física também tenha sido observada, foi o assédio moral o que mais chamou a atenção dos pesquisadores (Palácios e Rego, 2006). O próprio contexto atual do trabalho, em que a nova regra de convivência parece ser viver em guerra, eliminando toda forma de compaixão e incentivando o sujeito a vencer o outro num processo de individualismo arrebatador (Goulart, Coelho e Pontes, 2015), somado ao desgaste psicoemocional, são fatores que contribuem para a adoção desses comportamentos hostis (Meurer, Bruna, & Strey, Neves, 2012).

No caso do ambiente escolar, esse fenômeno se manifesta através das relações negativas e violentas entre alunos e professores, ou entre alunos e funcionários. Uma vez que, esses relacionamentos intercorrem sob condições

hierárquicas, quando professores ou funcionários, portadores de maior autoridade, abusam de seu poder, humilhando ou oprimindo os alunos que estão sob sua direção, caracteriza-se o assédio. Do mesmo modo, o assédio praticado por alunos para com os professores também é uma realidade.

Toda essa disseminação da violência, induz ao processo de retraimento das vítimas, as quais se intimidam em emitir suas opiniões ou pedir ajuda. Isso contribui para que o bullying e o assédio moral não sejam percebidos facilmente pelos gestores da escola ou pela administração e docentes das universidades, gerando consequências que podem devastar a saúde mental, emocional e física das vítimas, comprometendo assim, o grande projeto a que toda instituição educativa, quer seja ela educação básica ou universitária, se destina: a formação da autonomia moral.

Uma vez que os indicadores de atos de violência no ambiente educacional são tão significativos, surgem algumas questões: Qual é o impacto dessas ocorrências na formação moral e profissional dos estudantes das licenciaturas? Uma vez que, a universidade tem a responsabilidade de formar novos professores, é importante que haja espaço para um amplo debate sobre as violências manifestas em ambientes e contextos de sua jurisdição. Contudo, observações levam a crer que o espaço para diálogos sobre temas de convivência ainda é bastante limitado. Sendo assim, surge o problema desta pesquisa: como a universidade lida com as diversas manifestações de violência dentro de seus diferentes espaços e em que medida tem se apropriado do tema da convivência para a formação de seus alunos nos cursos de licenciatura?

O objetivo é investigar o que os alunos pensam sobre a qualidade da convivência em sua universidade, analisando a ocorrência de problemas nas relações interpessoais e como julgam os episódios de bullying, cyberbullying e assédio moral. Além disso, verificar a eficácia ou não das intervenções feitas pela universidade e suas propostas de formação para o tema da convivência na escola em suas licenciaturas.

## **Método**

### *Participantes*

A pesquisa inclui uma amostragem livre de estudantes de licenciaturas em todos os campi da UNESP- Universidade Estadual Paulista a fim de investigar as tipologias e frequência da violência nas relações interpessoais na universidade, especificamente tratando-se de situações de bullying e de

assedio moral. Os selecionados são estudantes cursando o primeiro e terceiro ano da graduação de modo que os dados retratem a visão dos alunos ao adentrar o curso e suas eventuais dificuldades de adaptação à nova fase da vida, bem como a visão daqueles que já estão adaptados ao contexto da universidade.

Num segundo momento pretende-se restringir a amostra a um recorte de 20% dela, para conhecer como esses estudantes julgam as situações de bullying e se engajam moralmente ou não.

### *Instrumentos*

Para avaliação da qualidade da convivência na universidade, realizamos uma pesquisa de campo de caráter quantitativo, sendo utilizado um questionário baseado em materiais anteriormente produzidos no Brasil para o diagnóstico de situações de bullying (Tognetta, Avilés, e Rosário, 2015) e outros problemas de violência. Além de itens que investigam a ocorrência do bullying, cyberbullying e assédio moral, também constam do instrumento, itens que investigam outras questões relacionadas a qualidade das relações interpessoais na universidade as quais estão sendo analisadas por outros pesquisadores. Para essa pesquisa especificamente, também se incluíram questões sobre a experiência de vivências nos cursos de licenciatura de disciplinas e conteúdos relacionados ao tema do bullying e outros problemas de convivência.

Constam do questionário 126 itens com quatro alternativas de resposta em uma escala tipo Likert (A= não concordo e D = concordo muito) divididos nas seções: 1- As relações sociais na faculdade (17 itens), 2- As relações com os regulamentos e o regimento da UNESP e situações de violência (15 itens), 3 – As relações sociais e situações de violência (37 itens), 4 – As relações sociais e o clima de segurança (27 itens), 5 – Sobre os efeitos sentidos em casos de violência (12 itens) e 6 – Sobre a discussão de temas referentes as relações interpessoais nas licenciaturas (7 itens), 7 – Perfil do estudante (11 itens).

Em um terceiro momento, será aplicado junto a amostra menor de estudantes, um instrumento de investigação sobre as justificativas morais para situações de bullying (engajamento e desengajamento moral). Esse instrumento será adaptado também de materiais anteriormente produzidos no Brasil (Tognetta e Rosário, 2013) e está em fase de construção. Os itens são baseados nos mecanismos de “desengajamento moral”, os quais são

apresentados por Bandura (2015), da seguinte forma: justificativa moral (a conduta inadequada é retratada como socialmente aceitável ou com pressupostos morais), linguagem eufemística (as atividades nocivas são camufladas por uma linguagem saneadora), comparação vantajosa (utilização de contraste para parecer que os atos reprováveis são justos), deslocamento de responsabilidade (atribuição da culpa às ordens dadas por outros), difusão da responsabilidade (quando ação é atribuída a vários autores), desprezo ou distorção das consequências (quando o sofrimento da vítima não é visível ou temporário), desumanização (falta da percepção de que o outro também é igualmente importante) e atribuição de culpa (a vítima é culpada por trazer sofrimento a si mesma). Tais justificativas mostram um sujeito que, tanto pode vitimizar-se, culpar os outros, não reconhecer sua participação nos atos cometidos ou ainda, desumanizar o outro a ponto de acreditar que ele mereça ser violentado (Bandura, 2015; Tognetta et al., 2015).

### *Procedimento*

Para a execução da pesquisa, estão sendo visitadas diversas unidades da UNESP – Universidade Estadual Paulista. Os questionários estão sendo apresentados aos alunos por professores envolvidos com a pesquisa, os quais explicam o instrumento e apresentam aos participantes a garantia de confidencialidade e anonimato das informações. Os dados serão analisados usando o programa estatístico SPSS.

### *Análises dos dados*

Até a data de envio deste, a pesquisa está em sua fase inicial, tendo sido finalizado o processo de aplicação de instrumentos piloto e revisão dos itens do instrumento. Os dados obtidos a partir da aplicação do questionário final serão apresentados em publicação posterior.

### **Resultados preliminares**

De acordo com as respostas acompanhadas nos instrumentos pilotos aplicados é possível formular a hipótese de que ocorrem atos de violência nas relações interpessoais dentro da universidade, havendo indícios de ineficácia da atuação da universidade para combatê-los. As opiniões apresentadas até então também reforçam a hipótese de que há um espaço reduzido na formação desses alunos para a reflexão, estudo e debates relacionados às questões de

convivência, de modo que, saibam lidar com elas em sua atuação profissional na escola futuramente. Quanto ao bullying, os futuros professores parecem também desconhecer formas de atuação que permitam combater o fenômeno nas escolas denotando o quanto a formação universitária parece carecer de tal conteúdo.

### **Discussão**

As hipóteses levantadas até então correlacionam-se com resultados de outras pesquisas, como os estudos de Curwen, McNichol e Sharpe, os quais pesquisaram 159 mulheres e 37 homens estudantes de graduação que admitiram ter intimidado pelo menos um dos colegas desde que chegaram à faculdade. Esses tendem a ficar em silêncio em meio às intimidações, enquanto os espectadores podem reforçar o comportamento agressivo permanecendo distantes das vítimas. Nas testemunhas, assim como na escola básica, observa-se uma falta de posicionamento. Possivelmente, porque alguns ficam desapontados que esses tipos de comportamentos continuem em um ambiente onde a busca do conhecimento e a preparação para uma carreira deveriam ser o foco de atenção, podendo haver raiva e ressentimento de outros estudantes, professores e funcionários quando testemunham o bullying ou são obrigados a parar suas próprias atividades e trabalhos para lidar com o problema (ShallCross, 2016).

Em uma pesquisa da Universidade de Indiana, 22% dos universitários afirmaram ter sido vítimas de cyberbullying e 15% relataram o bullying tradicional. O mesmo estudo demonstrou que 42% dos alunos relataram ter presenciado situações de intimidação entre estudantes e 8% apresentaram-se como agressores em uma situação. Quase 15% relataram ter visto professores assediando alunos e 4% afirmaram já terem sido intimidados por um docente (Krasselt, 2014).

Em pesquisa conduzida em quatro universidades canadenses, Faucher, Jackson e Cassidy (2014) concluíram que mais de 20% dos universitários que participaram da pesquisa haviam sido vítimas de cyberbullying nos últimos 12 meses, sendo que destes, 12,4% relataram ser vítimas dos próprios colegas ou conhecidos da universidade.

Villaça e Palácios (2010) analisaram questões relacionadas à violência nas relações interpessoais, inclusive o bullying e o assédio, através de uma pesquisa de caráter exploratório, qualitativa, sob a forma de estudo de caso,



entrevistando alunos e professores de uma Escola de Medicina. Os resultados evidenciaram a ocorrência de diversas situações de abuso, mas a maioria dos entrevistados não reconheceu grande parte das agressões como sendo abuso ou bullying, evidenciando a falta de apropriação e familiarização com os temas, demonstrando em suas falas um tom de legitimidade e de justificativa das situações. As agressões foram chamadas de “brincadeiras”, “ritos de passagem” e as relações negativas entre professores e alunos, classificadas como falta de “delicadeza”.

Em 2013, Silva e Rosa, realizaram um levantamento sobre trabalhos apresentados nas reuniões da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e no ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, no período de cinco anos anteriores ao ano de 2011, e concluíram que nenhuma pesquisa apresentada naqueles fóruns abordava o tema do bullying na formação dos professores. Outra fonte de pesquisa foi a ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Nesse caso, concluíram que nos cinco anos anteriores, os anais registravam somente uma pesquisa sobre o bullying (Silva e Rosa, 2013).

Em buscas realizadas na Biblioteca Digital, Versila (2015), relacionando o tema “bullying” e a ABRAPEE – Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, foram encontrados no período de 2010 a 2014, nove publicações relacionadas ao bullying, sendo que, três fazem referência a pesquisas realizadas fora do Brasil e, dentre as demais, somente uma delas discorre sobre a importância da formação dos professores para lidar com o fenômeno. Em busca feita no site da ABRAPEE, encontrou-se a menção a um único evento sobre bullying, o qual realizou-se em 2011 na Câmara Municipal de São Paulo (Abrapee, 2015).

Silva e Rosa (2013) também destacam que há discussões no meio acadêmico em torno da importância de o professor saber mais sobre bullying para intervir em situações de ocorrência do fenômeno, porém, não há consenso entre os autores. Como exemplo, citam Santos, levando em consideração que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam os professores a trabalharem os conteúdos de ética na sala de aula, acredita que não é necessário o professor conhecer profundamente o conceito para combater o bullying (Silva e Rosa, 2013). Em contraposição, apresentam as ideias de Toro, Neves, & Rezende que afirmam fazer-se necessária a conscientização a

respeito do bullying “para que sejam realizadas intervenções criativas e bem contextualizadas, amparadas por relações de confiança” (Silva e Rosa, 2013).

Após a realização de uma pesquisa qualitativa exploratória, utilizando entrevistas com professores de uma escola municipal do Recife e seis estudantes de licenciaturas da Universidade Federal de Pernambuco, Silva e Rosa (2013) concluíram que, entre esses havia posicionamentos relativamente superficiais e pouco delimitados sobre o bullying. Tanto os estudantes de licenciatura quanto os professores definiram o conceito de bullying de modo a restringi-lo a apelidos ou a algumas características isoladas do fenômeno, como por exemplo, a provocação, a discriminação e zombaria, a perseguição, piadas, preconceito, agressões e brincadeiras grosseiras.

Ao pesquisar sobre a abordagem da ética na formação do professor nos cursos de licenciatura, Longo (2008) concluiu a existência de deficiências nos currículos e nas salas de aula dos cursos das licenciaturas, quanto aos aspectos relacionados a educação moral, as quais prejudicam os futuros professores em sua condução de dilemas que ocorrerão em sala de aula, ressaltando que todos os professores lidam com essas questões rotineiramente, o que evidencia a necessidade de informações e argumentos teóricos para fundamentarem suas ações ante a formação moral de seus alunos.

Uma vez que a universidade tem a responsabilidade de formar novos professores, é importante que haja espaço para um amplo debate sobre as violências manifestas em ambientes e contextos de sua jurisdição. A convivência prevê a existência de regras que devem ser combinadas e seguidas por todos, estabelecidas com diálogo, com negociação. Sejam seus agentes, alunos, professores ou funcionários. A violência se constrói como a antítese do diálogo, pois onde há confronto e violência, o diálogo fracassou. Se a universidade propõe-se a formar pessoas preparadas para o diálogo, não pode ser conivente com qualquer tipo de violência (Villaça e Palácios, 2010). Em vez disso, precisa lidar com os conflitos como sendo parte natural das relações, encarando-os como positivos e necessários para a formação da autonomia pretendida.

Dessa forma, a hipótese de que há uma situação de precariedade no preparo dos futuros professores quanto às fundamentações teóricas e práticas que poderiam auxiliá-los a lidarem com as questões de convivência na sala de aula, é presente apontando para a realidade de que o espaço para diálogos sobre temas de convivência na formação universitária ainda é bastante limitado.

Entretanto, tais informações da pesquisa ajudarão a conhecer as relações interpessoais, a qualidade da convivência entre os membros da Universidade de modo a possibilitar a proposição de estratégias para resolução pacífica de conflitos, ampliando os dados disponíveis para reflexão e, eventualmente, intervenções nos ambientes de formação docente.

## Referencias

Abrapee. Bullying é tema de seminário na câmara municipal de São Paulo. Disponível em: <<https://abrapee.wordpress.com/2011/09/22/bullying-e-tema-de-seminario-na-camara-municipal-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 19 Nov. 2015.

Andrade, S. S. C. A. Et al. (2012) Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cad. Saúde pública* [online], 28(9), 1725-1736.

Avilés Martínez, J. (2013). *Bullying: guia para educadores*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras.

Bandura, A. (2015) Desengajamento moral na perpetração de desumanidades. En: Bandura, A.; Azzi, R. G.; Tognetta, L. R. P. (org.). *Desengajamento moral: teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva* (p.p 19-64). Campinas: Mercado de Letras.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought an action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of moral thought and action. In: Kurtines, W. M. Gewirtz, J. L. (eds) *Handbook of moral behavior and development: Theory, research and applications*, vol. 1 (p.p. 71-129). Hillsdale, NJ. Erlbaum.

Cowie, H.; Myers, C. (2016). *Bullying In Universities And Colleges. Cross-National Perspectives*. New York: Routledge.

Del Barrio, C. Et Al. (2003). Representaciones Acerca del maltrato entre iguales, atribuciones emocionales y percepción de estrategias de cambio a partir de un instrumento narrativo: Scan:Bulling. *infancia y aprendizaje*, 26(1), 63-78.

Devries R.; Zan, B. (1998). *A Ética Na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Fante, C.; Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar. Perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed.

Faucher, C., Jackson M. Cassidy, W. (2014) Cyberbullying among University Students: Gendered Experiences, Impacts, and Perspectives. *Education Research International*. Article ID 698545.

Gini, G. Pozzoli, T. Hauser, M. (2011). Bullies have enhanced moral competence to judge relative to victims, but lack moral compassion. *Personality and individual differences*, 50(5), 603–608.

Goulart, M. C. V.; Coelho, M. T. A. D.; Pontes, S. A. Considerações sobre a violência na universidade. Disponível Em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15768/1/considerações%20sobre%20a%20violencia%20na%20universidade.pdf>>. Acesso Em: 17 Nov. 2015.

Hymel, S. Rocke-Henderson, N. Bonanno, R. (2005). Moral Disengagement: A Framework For Understanding Bullying Among Adolescents. *Journal Of Social Sciences*, New Delhi, Special Issue N°. 8, 1-11.

Krasselt, K. (2016) Bullying not a thing of the past for college students. Disponível en: <Http://College.Usatoday.Com/2014/10/21/Bullying-Not-A-Thing-Of-The-Past-For-College-Students/> Acesso Em: 07 Jan. 2016.

Longo, M. M. (2008). Entre a permissão e a repressão: a formação do professor nos cursos de licenciatura e a abordagem da ética. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Meurer, B., & Strey, Marlene Neves. (2012). Problematizando as práticas psicológicas no modo de compreender o fenômeno assédio moral. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(2), 452-471.

Olweus, D. *Bullying At School. What We Know And What We Can Do*. Blackwell: Oxford And Cambridge. 1993.

Palácios, M.; Rego, S. (2006). Bullying: Mais Uma Epidemia Invisível? *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, 30(1).

Pauli, P. (2016). A geografia da infâmia. *Veja*, 23(49), 88.

Piaget, J. (1994). *O Juízo Moral Na Criança*. São Paulo: Summus.

Shallcross, L. Grown-Up Bullying. Disponível em: <Http://Ct.Counseling.Org/2013/03/Grown-Up-Bullying/> Acesso Em: 07 Jan. 2016.

Silva, E. N. ; Rosa, E. C. S. (2013). Professores sabem o que é bullying? um tema para a formação docente. *Psicol. Esc. Educ.* [Online], 17(2), 329-338.

Tognetta, L. R. P. (2003). *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista*. Campinas: Mercado de Letras.

Tognetta, L. R. P.; Vicentin, V. F. (Org.). (2014). *Esses adolescentes de hoje... o desafio de educar moralmente para que a convivência na escolar seja um valor*. Americana: Adonis.

Tognetta, L. R. P. Rosário. P. (2013) Bullying: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, 24(56), 106-137.

Tognetta, L. R. P. Et Al. (2015). Desengajamentos morais, autoeficácia e bullying: a trama da convivência. *Revista de estudios e investigación en psicología y educación*, [L] [SÉP] 2(1), 30-34.

Versila. Disponível em:

<[http://biblioteca.versila.com/?q=bullying&publisher=associação+brasileira+de+psicologia+escolar+e+educacional+\(abrapee\)](http://biblioteca.versila.com/?q=bullying&publisher=associação+brasileira+de+psicologia+escolar+e+educacional+(abrapee))> . Acesso em 19 Nov. 2015.

Villaça, F. M.; Palácios, M. (2010). Concepções sobre assédio moral: bullying e trote em uma escola médica. *Rev. Bras. Educ. Med.*, Rio De Janeiro, 34(4), 506-514.